

O DESTRONAMENTO DO AUTOR: A CULPA É DA *FANFIC*

Kendra Santos Silveira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Ruane Gabriele Silva Martins

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Vinícius Viana Busatto

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Márcia Helena de Melo Pereira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo: As *fanfics* são narrativas criadas, editadas e publicadas por fãs em ambientes digitais. Esse novo gênero tem se popularizado entre jovens e adolescentes em diversos países. Nessa perspectiva, o objetivo deste artigo é analisar a presença do conceito de carnavalização, cunhado por Bakhtin (1996), em uma *fanfic* escrita por uma fã sobre duas obras bastante conhecidas: *A culpa é das estrelas* (2014) e *Para todos os garotos que já amei* (2018). Para esse fim, realizamos a busca da *fanfiction* em uma das plataformas digitais onde tais publicações são feitas, a saber, Spirit Fanfics. Como aporte teórico basilar deste trabalho, utilizamos os postulados de Mikhail Bakhtin sobre carnavalização em sua tese de doutoramento intitulada *A cultura cômica popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* (1996), assim como *Problemas da Poética de Dostoiévski* (2010). Após a análise, constatamos a presença da carnavalização na *fanfic* escolhida, especialmente a questão do destronamento em relação à autoria.

Palavras-chave: *Fanfiction*. Carnavalização. Destronamento.

1 Introdução

As contribuições do pensador e filósofo russo Mikhail Bakhtin para a linguística reverberam até a contemporaneidade, isto é, os seus constructos teóricos ainda amparam estudos sobre os gêneros discursivos em sua indissociável relação com a sociedade. Nesse ínterim, no início da obra *A cultura cômica popular na Idade Média e no Renascimento* (1996), Bakhtin apresenta seu propósito de compreender a influência da cultura cômica popular na obra de Rabelais. De acordo com o autor russo, François Rabelais possuía como característica marcante a resistência a se enquadrar aos moldes cânones e regras vigentes da época e, portanto, possuía um caráter não oficial; além disso, Bakhtin destaca o traço extremamente carnavalesco em Rabelais e o fato de ele ser pouco compreendido pelos críticos literários de seu tempo, que restringiam suas análises a obras do cânone literário, esquecendo-se dos escritos populares e do

riso. Bakhtin (1996) explica este último elemento como sendo o ponto central da carnavalização: um riso que não é moderno, particular, mas popular, comportando universalismo cômico, liberdade utópica e verdade popular não oficial.

Nessa perspectiva, o ritual de coroação-destronamento aparece em todos os festejos carnavalescos e está repleto dessa visão de mundo compartilhada, visto que remete às possibilidades de mudança e transformação, a exemplo da ambivalência *morte-vida*, *antigo-novo* e assim por diante. Aliás, “O carnaval é a festa do tempo que tudo destrói e tudo renova” (BAKHTIN, 1981, p. 107), o que denota que esse ritual expressa a relatividade da condição humana, de que nada é perfeito ou está definido, de que o tempo é uma variável que nos afeta e, nessa lógica, passamos por transformações.

Em nossa pesquisa, propomos uma análise sobre esse conceito em consonância com a ambivalência característica das obras carnavalizadas, lançando um olhar atento para as *fanfictions*, que são narrativas escritas por fãs com o objetivo inicial de se apropriar de um universo já criado. Advertimos que o que nos interessa não é a manifestação puramente categórica desses ideais, mas as evidências de que as ficções de fã proporcionam, desde sua confecção, um modelo alternativo de escrita e produção literária marginal, fugindo aos padrões editoriais, destronando o autor e estabelecendo novos pontos de vista. Por fim, para Bakhtin (apud DISCINI, 2009), o gênero está situado no espaço-tempo e só se pode compreendê-lo, por essa razão, se o entendermos como manifestação cultural.

Nosso objetivo, então, é investigar a carnavalização agindo em determinada *fanfic* (ficção de fã), denominada *História Para todas as estrelas que já culpei*, escrita por @dreamingsoul_, publicada em 19 de outubro de 2020, e composta por um único capítulo. Diante disso, este artigo é dividido nos seguintes tópicos, além dessa introdução: 2. Referencial teórico, no qual abordamos as conceituações que embasam nosso estudo, sendo: 2.1. *Fanfictions*: um universo criado por fãs, em que discutimos as características das ficções de fã e sua natureza transmidiática; 2.2. Carnavalização e destronamento: um conceito bakhtiniano, em que explicamos esse conceito, proveniente das obras de Bakhtin (1996; 2010), com ênfase no destronamento, ritual comum nas festividades da Idade Média; 3. Análise e discussão do *corpus*, espaço em que examinamos a presença da carnavalização na *fanfic* selecionada; e 4. Conclusão, com nossas considerações gerais sobre a pesquisa.

2 Referencial teórico

Como neste artigo analisamos a presença da carnavalização nas ficções de fã, iniciaremos nossa discussão apresentando o universo das *fanfics* para, em seguida, investigar a existência da carnavalização nesse novo gênero discursivo.

2.1 *Fanfictions*: um universo criado por fãs Introdução

Com o advento da Internet, houve a possibilidade de uma interação sem fronteiras entre os indivíduos, agora imersos em um mundo virtual ultraconectado, o que viabilizou, conseqüentemente, o surgimento de vários gêneros digitais. Nessa conjuntura, segundo Neves (2011), devido às interações contínuas entre internautas em redes sociais *online* e salas de bate-papo, propaga-se a cultura de fãs de ficção, os quais produzem diversas manifestações artísticas inspiradas em filmes, séries, livros, jogos, músicas, entre outros. Uma das formas de expressão nessa direção são as *fanfictions*¹ (ou “ficções de fã”, em português), um novo gênero digital que consiste em narrativas escritas, editadas e publicadas por essas pessoas no ciberespaço, motivadas pela oportunidade de interagir, reimaginar e dar sequência a textos de seu interesse — em geral, obras bem-sucedidas comercialmente, produtos da indústria do entretenimento, entre outros, conforme Vargas (2005).

Esse universo envolvendo fãs reúne pessoas interessadas em determinado produto cultural, permitindo o compartilhamento de opiniões, teorias, expectativas e frustrações em relação ao produto cultural consumido em uníssono no ciberespaço. O pioneiro no registro e uso do termo *ciberespaço* foi o escritor americano-canadense William Gibson, em sua obra *Neuromancer*, que mais tarde serviu de inspiração para as irmãs Lilly e Lana Wachowski (diretoras, produtoras e roteiristas) arquitetarem o universo da obra transmidiática *Matrix*. Outrossim, o hodierno ambiente cibernético se transformou no *locus* de reunião e hospedagem de fãs e multimídias, fomentando a popularização das *fanfictions*, que, como mencionado anteriormente, são escritas colaborativamente, de modo que não haja um autor absoluto que toma para si os direitos daquela obra, afinal esta deriva de outra pré-existente, que já era

¹ Não se sabe ao certo quando surgiram as primeiras fanfics, mas sua popularização se dá a partir das primeiras convenções de fãs: na década de 1970, fãs de *Star Trek*, série de ficção científica, começaram a publicar fanzines (publicações não oficiais produzidas por entusiastas de uma cultura particular) e especulações com histórias alternativas sobre o enredo da série.

comercializada. A questão da autoria é, nesse sentido, desestabilizada: o autor-rei do cânone literário perde seu posto de autoridade.

Desse modo, as *fanfics* podem ser concebidas por várias mãos até ficarem prontas. Nesse caso, um fã-autor, ao iniciar sua narrativa, recebe a ajuda de outro fã, denominado fã-colaborador (coautor), para que este faça a primeira leitura e sugestões sobre o texto, um processo que recebe o nome de betagem. Posteriormente, a *fanfic* é publicada na *internet* e fica aberta às críticas e sugestões dos fãs leitores. Um fã-autor pode ser fã-colaborador e fã-leitor, havendo fluidez em relação à autoria das ficções de fã. Além disso, as *fanfictions* possibilitam uma leitura multimodal e hipertextual, tendo em vista que são narrativas constituídas por textos verbais, vídeos (*fanmade* vídeos), imagens (*fanarts*), entre outras linguagens. Portanto, trata-se de uma escrita diferente do que encontramos por padrão, de modo que "[...] a cultura torna-se participatória e menos hegemônica e centralizada" (NEVES, 2011, p.162), permitindo uma liberdade criativa singular e revolucionária.

De acordo com Jenkins (2008), a *fanfic* é uma manifestação da cultura popular, além de ser uma forma que possibilita ao leitor manter contato com suas personagens favoritas em uma relação mais próxima do que aquela que o leitor comum manteria. Desse modo, o leitor-fã, por meio das *fanfics*, tem a possibilidade de manipular a obra e, destarte, adquirir também o caráter de “autor”. Pierre Lévy (apud JENKINS, 2009) sugeriu que a distinção entre autores e leitores, produtores e espectadores, criadores e intérpretes iria se dissolver, de modo a formar um "circuito" de expressão participativa e colaborativa em prol de uma atividade em comum (a *fanfiction*).

A partir de sua análise da obra transmidiática *Matrix*, Henry Jenkins (2009), em *Cultura da Convergência*, compreende que artistas populares, ao trabalharem nas lacunas deixadas pela indústria da mídia, perceberam que podem surfar na nova onda do mercado (a adoção da pluralidade midiática de plataformas) e produzir trabalhos mais ambiciosos e desafiadores. Concomitantemente à composição, constroem uma relação cooperativa com os *fic readers* ao processar mais informações acerca da história, dessa forma acabam por desenvolver um modelo de autoria de cocriação de conteúdos, unidos por um desejo em comum: a criação de *fanfictions*. Consoante Jenkins (2009), “Em qualquer forma de arte, você deve gostar do que faz para fazer benfeito; na verdade, *você deve ser fã para fazer benfeito*, para usar seu talento na construção do entretenimento multiplataforma” (JENKINS, 2009, p.151) (grifos nossos). É por isso que essas criações são tão bem-feitas a ponto de ter uma estrutura tão distinta e participativa.

À vista disso, trazemos em nosso estudo uma análise da presença do conceito de carnavalização, exposto na seção seguinte, o qual está presente nesse novo gênero digital, conquistando fãs em decorrência da inovação constitutiva de suas condições de produção e, naturalmente, pelas várias temáticas abordadas, posto que sua livre inventividade acarreta, como veremos, na subversão da ordem.

2.2 Carnavalização e destronamento: um conceito bakhtiniano

Bakhtin (1996) pontua que no carnaval a vida é posta ao contrário, o mundo é invertido. Suspendem-se todas as tradições, barreiras hierárquicas e normas que regem a vida séria e “oficial”. Abole-se a distância entre as pessoas e vive-se um clima de livre contato familiar. Esse carnaval é embebido de um riso alegre e ambivalente, que ao mesmo tempo que destrona, o faz renascer. Essa força regeneradora permite o vislumbre de um outro mundo, de uma vida não oficial.

Foi tendo esses pontos de vista em mira que a carnavalização torna-se um conceito-chave na tese de doutoramento do pensador e filósofo russo Mikhail Bakhtin (1895–1975), intitulada *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, publicada da antiga União soviética, em 1965. Em 1963, Bakhtin publica a segunda edição da obra “Problemas das Obras Criativas de Dostoiévski”, agora com o título de “Problemas da Poética de Dostoiévski”, acrescido o capítulo sobre carnavalização, em que Bakhtin discute a história da sátira menipeia, sua relação com outras formas de literatura e sua conexão com fenômenos extraliterários como o carnaval e outros rituais descoroadores. Para aplicar esse conceito às ficções de fã, precisamos retomar a visão de mundo carnavalesca proveniente da Idade Média, quando pessoas de diferentes estamentos sociais se reuniam em praça pública, durante alguns dias, para festejar, havendo a presença de bebidas alcoólicas, músicas, danças, profanações, paródias, ou seja, a “Festa dos Loucos”, como era conhecido o carnaval, numa releitura do conceito bakhtiniano.

Esses rituais eram condenados pela Igreja, porém, no período que antecede a quaresma, tais celebrações pagãs eram permitidas pela instituição. Dessa maneira, nas palavras de Bakhtin (1996, p. 6), “durante a realização da festa, só se pode viver de acordo com suas leis, isto é, as *leis da liberdade*” (grifos nossos); desse modo, o carnaval era vivido intensamente (não apenas representado), situando-se nas fronteiras entre a vida e a arte, uma vez que ignorava a distinção

entre atores, o palco e até mesmo a arquibancada — algo distinto na contemporaneidade. Assim, aboliam-se as formalidades dos costumes da época, construindo um *mundo às avessas* no qual as pessoas poderiam experimentar, mesmo que temporariamente, universalidade, liberdade, igualdade e abundância.

Consoante Bakhtin (1996), outro significativo elemento para o carnaval é o *riso*, que acompanhava as cerimônias e os ritos civis cotidianos. Este é percebido não apenas como um fato cômico particular, mas como um estado de espírito, ou seja, antes de tudo, trata-se de um riso festivo, universal e ambivalente, pois “nega e afirma, amortalha e ressuscita” um mesmo objeto ou situação. O mundo inteiro parece cômico e é percebido em seu aspecto jocoso e, claro, ambivalente. A ambivalência está em nosso entorno por meio da imagem grotesca, a qual unifica *morte-vida*, *crescimento-evolução*, *antigo-novo*, evidenciando um caráter cósmico e universal no qual o baixo é sempre o começo, o fim é o princípio.

Por conseguinte, temos os elementos que nos remetem às *ficções de fãs*, nas quais esses ideais encontram refúgio por meio da carnavalização, ou seja, a transposição do espírito carnavalesco para a arte; por consequência, é importante compreender que “o carnaval, propriamente dito, não é [...] um fenômeno literário [como a carnavalização], mas um espetáculo ritualístico que funde ações e gestos elaborando *uma linguagem concreto-sensorial simbólica*” (SOERENSEN, 2008, p. 319, grifos nossos). A propósito, essa literatura carnavalizada constrói uma pluralidade intencional de vozes e estilo, o que permite a palavra se tornar bivocal, uma vez que a paródia (um canto paralelo) dá voz a um texto inaugural e, a partir disso, consegue invocá-lo, atribuindo-lhe outros sentidos.

À vista disso, depreender o conceito de carnavalização significa observar a literatura e a vida através da dualidade dos mundos, em que o oficial (baseado em normas, dogmas e leis) e o carnavalesco (extinguindo as diversas formas de hierarquias pré-impostas) coexistem em uma mesma sociedade, proporcionando uma segunda vida na qual o povo pode expurgar tudo aquilo que o prende. Tais elementos carregam um caráter não oficial, motivo pelo qual um certo “aspecto não literário” foi atribuído à obra rabelaisiana, que bebe da cultura popular, assim como analogamente ocorre com as *fanfics*, uma vez que estas não estão no cerne da crítica literária, logo sendo encontradas à margem, em um ambiente que não seja aquele das obras eruditas e cristalizadas. As criações de fãs, enquanto manifestação carnavalizada, atuam e provocam alterações a partir das obras em que se inspiram, como veremos adiante.

Etimologicamente, constata-se que a palavra *carnaval* significa “procissão dos deuses mortos”, com uma série de ritos e cerimônias não oficiais, a exemplo do ritual carnavalesco de coroação/destronamento, cuja ideia de oposição pode ser concebida como a tese máxima da carnavalização. Comum nas festividades da Idade Média, esse ritual coroava o antípoda do verdadeiro rei, que normalmente não assumiria o trono, como um bufão ou um bobo, residindo aí a ênfase nas mudanças e transformações. Em outros termos, na coroação já estava contida a ideia do futuro destronamento, sendo aquela ambivalente desde o começo. Portanto, há uma figura de autoridade que é destronada e, nesse sentido, estabelecemos, na nossa pesquisa, um elo com a figura do “fanfiqueiro”, que analogamente assume o trono do autor original.

Consequentemente, conforme a visão bakhtiniana, na literatura carnalizada os escritores podem desenvolver um texto excepcionalmente livre no que concerne às experimentações criativas, ocasionando um novo *ethos* (LANKSHEAR; KNOBEL, 2011 apud RIBEIRO; JESUS, 2019) em eventos de letramento com práticas que se atualizam conforme o suporte em que acontecem: nos *sites* de *fanfic*, é comum que encontremos uma seção de comentários em que os leitores (que também podem escrever) sugerem um direcionamento para aquela narrativa, consagrando-se um diálogo aberto entre locutores e interlocutores. Não há mais um único ser, nesse mundo às avessas, que detém para si os créditos finais, a última palavra.

Segundo o crítico literário francês Roland Barthes (2004), para devolver à escrita o seu devir, é preciso inverter o seu mito: o nascimento do leitor tem de pagar-se com a morte do Autor. Nesse sentido, o *ficwriter*, na progressão de suas produções textuais, agrega novas vozes, acrescenta facetas ao discurso, por meio da sua escrita criativa e de seu conhecimento do universo canônico. Dessa forma, assim como na concepção de Barthes, o nascimento do autor deve ser pago com a morte do autor, no universo de produções de *fanfictions*. Para que seja possível a gênese da obra de fã é necessário o destronamento do autor para a coroação do *ficwriter*.

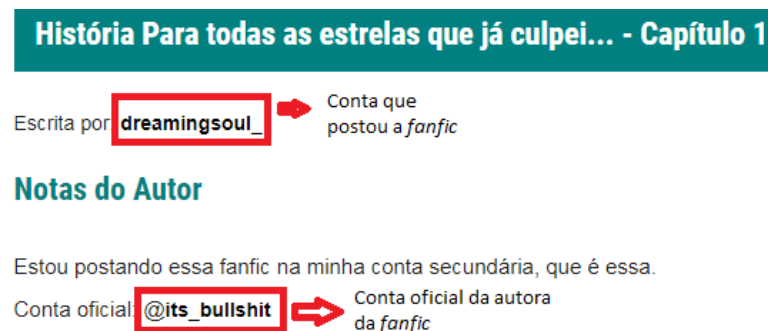
Quando reproduzimos o discurso do *outro*, podemos replicar sua aceção original ou produzir um discurso atualizado. A coroação ocorre no momento em que o *ficwriter* apropria-se de uma obra matriz pré-existente e, a partir desta, começa a traçar/compor tramas alternativas, destronando, dessa forma, o autor original, tomando para si o lugar dele. O fã é coroado, em seguida, ao publicar a *fanfiction* na plataforma, quebrando o processo unilateral de

produção e consumo e se conectando com outros fãs consumidores da obra matriz por intermédio da ampliação do universo ficcional original.

3 Análise e discussão do *corpus*

Visando evidenciar nossa hipótese, selecionamos a ficção de fã denominada *História Para todas as estrelas que já culpei*, escrita por [@dreamingsoul](#), disponível no site [Spirit Fanfics](#). A autora destaca que a narrativa foi postada em sua conta “secundária”, fato que corrobora para a ideia de uma literatura não oficial. Na Figura 1, disposta abaixo, observe como se configura o layout da página:

Figura 1 – Captura de tela do site



Fonte: Página *Spirit Fanfics*.

O título da *fanfic*, exposto na Figura 1, é o resultado da amálgama de títulos de dois *best-sellers* americanos: *To All the Boys I've Loved Before* (*Para todos os garotos que já amei*, tradução para o português), original de Jenny Han; e *The Fault in Our Stars* (*A culpa é das estrelas*, em português), de John Green, caracterizando-se como uma *one-shot*, ou seja, composta por um capítulo único. A primeira obra, adaptada para o cinema, conta a história de Lara Jean, que guarda cartas que ela mesma escreveu para cada garoto por quem se apaixonou (cinco), com muita sinceridade e repletas de seus sentimentos mais íntimos. A segunda, de John Green, também adaptada para as telas, relata o relacionamento amoroso entre Hazel Grace, uma garota que luta contra um câncer (o que a entristece), e Augustus Waters, um rapaz otimista que perdeu uma perna para um câncer ósseo. Ele acaba por apoiar Hazel incondicionalmente, inclusive no sonho de conhecer seu escritor favorito em Amsterdã.

Esses dois universos de autores diferentes convergiram para um só graças ao papel da *ficwriter*, que pôde encontrar um ponto em comum entre as narrativas. Nesse viés, os autores perdem seu trono no momento em que a *ficwriter* se apropria de uma obra matriz pré-existente e, a partir desta, começa a traçar/compor tramas alternativas, destronando, dessa forma, o autor original. Em seguida, ao publicar a *fanfiction* na plataforma, a escritora da *fanfic* quebra o tradicional processo de produção e consumo em conjunto com os outros fãs que participam daquele evento. Quando nos apropriamos do discurso de outrem, é possível produzir um discurso atualizado, promovendo certa continuidade. Note, na Figura 2, que mostra o início de nossa narrativa, como isso é produzido:

Figura 2 – O início da narrativa

Capítulo 1 - Capítulo único

Era um dia lindo. Haviam flocos de neve por toda a parte, Lara Jean caminhava pela praça calmamente, observando tudo muito atentamente... cada detalhe... cada pessoa... até tropeçar em algo duro e cair no chão, muito assustada! Ergueu sua cabeça lentamente e viu uma jovem de cabelo curto, bem curto, não chegava no ombro! Ela usava um cano no nariz e a olhava muito espantada naquele momento:

- Meu Deus, moça... te machuquei? Me desculpa! - ela disse, sem jeito

- Sem problemas! - disse Lara Jean se levantando - Eu é quem peço desculpas... foi meio inconveniente da minha parte ter tropeçado nesse... cilindro. Eu estava realmente distraída, me desculpe...

Fonte: Página *Spirit Fanfics*.

Ainda no início da narrativa, como se vê na Figura 2, a *ficwriter* faz menções intrínsecas e extrínsecas às histórias originais. O cenário onde a narrativa se passa alude a um ambiente marcante na obra *A culpa é das estrelas*, lugar este que foi cenário de momentos entre o casal Hazel Grace e Augustus Waters, uma praça pública. Analogamente, este era o espaço onde ocorriam as festividades carnavalescas da Idade Média, marcadas pelo contato familiar, reunião de opostos e de pessoas que, no mundo oficial, não se encontrariam — a valer, Hazel e Lara não se conheceram nas obras originais, portanto essa união só foi possível em um mundo colateral. Aliás, o elo encontrado pela “fanfiqueira” pode ser observado já na sinopse: “Lara

Jean conhece Hazel Grace em uma praça num dia... as duas começam a conversar **como se fossem amigas de longa data** [contato familiar], e, em determinado momento, chegam ao assunto: **garotos!** [elo]” (grifos nossos).

É assim que as garotas se conhecem, a princípio tímidas por terem se esbarrado por acaso, mas então desenvolvendo um diálogo intimista. De modo geral, essa escrita livre (*lei da liberdade*) revela, por conseguinte, a natureza polifônica da *fanfic*, à medida que as personagens enunciam e trazem consigo outras vozes, as quais estão intercaladas em suas falas.

A dor da perda é, na ótica carnavalesca, dotada de ambivalência, posto que a morte também traz uma outra visão acerca da vida, ou melhor, são duas faces de uma moeda. Na história de @dreamingsoul_, Hazel comenta com Lara Jean o fato de ter recebido uma carta de Gus (apelido de Augustus) antes de ele falecer. Ironicamente, o destino fez com que Hazel também falecesse na *one-shot* (mais uma vez, a *fic writer* assume o trono dos autores, haja visto o fato da personagem não morrer na história original). Isso acabou motivando Lara Jean, abalada após saber da notícia, a mandar uma carta para Peter, que a recebe e, por fim, vai ao encontro da amada.

Ademais, cabe lançar luz para outro aspecto ambivalente presente em *Para todas as estrelas que já culpei...*, que reside no fato de ambas personagens femininas e apaixonadas possuírem nome composto: Hazel Grace e Lara Jean. Nas duas obras literárias, os nomes das personagens ganham espaço e relevância por se apresentarem, sempre que questionadas, com seu nome completo Hazel Grace Lancaster e Lara Jean Song Covey.

Na ficção, seu namorado, Augustus Waters, sempre se refere a ela pelo nome composto, Hazel Grace; algo similar ocorre na obra matriz em que Lara Jean protagoniza, falando seu nome completo ao se apresentar para as pessoas, e isso é preservado e expressado na *fanfic* em suas primeiras linhas quando as personagens têm seu encontro: “Sou Lara Jean Song Covey!”. O uso, apropriação e manejo do nome das personagens em contraste revela a natureza ambivalente da recriação da @dreamingsoul_.

Outrossim, há um elemento relevante utilizado nas duas obras literárias que é a “carta” como objeto de correspondência e comunicação. A carta é um instrumento definidor tanto na ficção de John Green, quanto na de Jenny Han, pois ela representa possibilidades potenciais para a realização ou não de eventos, bem como suas conclusões. Em *Para todos os garotos que já amei*, a carta, enquanto instrumento, realiza um papel central e fundamental para o desenvolvimento do enredo, afinal a história só se realiza no universo de Jenny Han porque as

cartas escritas, porém nunca enviadas, da personagem Lara Jean atuam como responsáveis pelo *plot twist* catalisador do romance: as cartas nunca enviadas são encontradas pela irmã caçula de Lara Jean e enviadas para os respectivos remetentes, incluindo o seu futuro namorado da trama. Dessa forma, é possível afirmar que, na obra original, tal união só se torna possível por meio do envio efetivo da carta e a realização completa de sua função — a correspondência.

De maneira análoga, em *A culpa é das estrelas*, a carta não catalisa os eventos do enredo, mas os finaliza. Ao invés de ser o instrumento que tornou possível a união dos amantes — Hazel Grace e Augustus Waters —, é o instrumento que finaliza a união do casal, que sela o fim do relacionamento, sendo esta a última carta de Augustus Waters se declarando e agradecendo a Hazel Grace pelo que construíram juntos antes de ele desvanecer por conta do câncer contra o qual lutava, desse modo a ficção se encerra com a realização completa da correspondência: quando Hazel recebe por *e-mail*, em anexo, as páginas da “carta” de Augustus Waters, aceitando o seu destino enquanto as lê.

As ficções se colidem e amalgamam na *fanfiction* a partir do momento que a *ficwriter* se apropria com maestria de todos os elementos carnavalescos comuns nas duas obras, manipulando-os de forma perspicaz na construção de uma trama alternativa que une dois universos distintos e ambivalentes, jogando com as personagens, fazendo previsões e ensinando uma lição empirista para Lara Jean, que no começo da *fic* tinha uma carta em mãos, incerta se deveria concluir sua função de enviá-la para o amado. O encontro com Hazel, proporcionado pela “fanfiqueira”, fez Lara Jean perceber que “seria tarde demais se ele estivesse morto, como sua mãe estava... Não era tarde demais! Ela podia mandar a carta ainda, e era isso que ela faria! Correu para os correios e selou a carta. Em breve ela chegaria no seu devido destino!”.

Enfim, com os autores destronados e a *ficwriter* coroada, seu reinado dura até o próximo destronamento, que pode vir ou não a acontecer, ocasionado por outro *ficwriter*. Basta que um fã inicie o ritual para que, mais uma vez, a ordem natural dos acontecimentos seja desestabilizada, ou melhor, regenerada. Eis aqui o espírito carnavalesco e ambivalente das ficções de fã.

4 Conclusão

Por meio de nossa análise a respeito da narrativa *História Para todas as estrelas que já culpei*, publicada por @dreamingsoul_, averiguamos a presença da carnavalização na *fanfic*, no

que concerne à questão do destronamento do autor original, isto é, a ideia de que não há mais uma autoridade que detém os direitos criativos de determinada obra, dado que esta recebe sequências e reformulações no mundo transmidiático habitado por fãs. Ademais, Bakhtin (1996; 2010) reclama a subversão da ordem e das hierarquias como um dos elementos fundamentais da cosmovisão carnavalesca. Com efeito, essa ideia vincula-se à literatura marginalizada, haja vista que as *fanfictions* têm como característica uma liberdade criacional que vai desde sua confecção colaborativa aos temas e linguagem de que se valem.

Em suma, as considerações do filósofo russo envolvendo a obra de Rabelais, assim como o romance polifônico de Dostoiévski, revelam-se atemporais, no tocante à aplicação de sua teoria aos vários gêneros do discurso que emergem dia após dia, especialmente no mundo virtual, como a *fanfic*. Aliás, em relação à cultura popular, temos que essas criações de fã são produzidas por um vasto público, que se reúne na nova praça pública (redes sociais, fóruns, salas de bate-papo) para, a partir de obras nas quais se inspiram, produzir narrativas regeneradoras, desestabilizando as histórias originais (mas reafirmando-as), destronando os autores (sem enterrá-los), de modo a ressaltar a natureza ambivalente dessas (re)criações.

Consoante Bakhtin (1996), na literatura carnavalizada, “*os dois pólos da mudança — o antigo e o novo, o que morre e o que nasce, o princípio e o fim da metamorfose — são expressados (ou esboçados) em uma ou outra forma*” (BAKHTIN, 1996, p. 22). É o que ocorre na *fanfic* anteposta, que transcende universos literários e, por meio da liberdade que lhe é conferida, reúne personagens que antes não se conheciam, agora entrelaçados na metamorfose dos fãs, os quais, fantasiados, lançam-se aos festejos carnavalescos do ciberespaço, proporcionando uma tal transformação que resiste às hierarquias outrora estabelecidas.

Decerto, nada está terminado, tampouco os enunciados à nossa volta: as *fanfictions* são a prova de que existe um caminho infundável pela frente. Por fim, vale ressaltar que esse gênero digital manifesta um *ethos* criativo das novas gerações. É, neste caso, um ótimo recurso a ser explorado na sala de aula, inclusive se levarmos em conta a demanda da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017, 2018) concernente às tecnologias digitais e aos usos autênticos da linguagem. Trata-se de um portal de acesso aos sujeitos que, como vimos, reagem ao mundo crítica e colaborativamente.

Referências

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Apresentação do Problema. In: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução: Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1996. p. 1-50. ISBN 85-271.0019.3.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Peculiaridades do gênero, do enredo e da composição das obras de Dostoiévski. In: BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. Cap. 5. p. 101-180. Tradução de Paulo Bezerra.

BARTHES, Roland. **A morte do autor**. O rumor da língua, v. 2, p. 57-64, 2004.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

DISCINI, N. **Carnavalização**. In: BRAIT, B. (org.). Bakhtin: outros conceitos-chave. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 53-93.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Aleph, 2015.

MURAKAMI, Raquel Yukie. **O ficwriter e o campo da fanfiction: reflexão sobre uma forma de escrita contemporânea**. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, p. 109, 2016.

NEVES, André de Jesus. A literatura marginal na internet: o fenômeno fanfiction como instrumento de disseminação e divulgação das/nas margens. **Pontos de Interrogação: Revista de Crítica Cultural**, Alagoinhas, v. 1, p. 153-166, 2011.

RIBEIRO, A. E.; JESUS, L. M. DE. Produção de fanfictions e escrita colaborativa: uma proposta de adaptação para a sala de aula. **Scripta**, v. 23, n. 48, p. 93-108, 30 out. 2019.

SOERENSEN, Claudiana. **A carnavalização e o riso segundo Mikhail Bakhtin**. In: SOERENSEN, Claudiana. O Mez da Grippe: a Babel carnavalizada. Orientadora: Dra. Célia Arns de Miranda. 2008. Dissertação (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-graduação em

Letras, Universidade Federal do Paraná, 2008. p. 123. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/19927>. Acesso em: 9 ago. 2020.

VARGAS, M. L. B. **Do fã consumidor ao fã navegador: o fenômeno *fanfiction***. Passo Fundo, 2005. 210f. Dissertação (Mestrado em Letras). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2005.

SOBRE O(A/S) AUTOR(A/S)

Kendra Santos Silveira

Graduanda em Letras Modernas, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) — Bolsista de Iniciação Científica (UESB). E-mail: kendracademic@gmail.com.

Ruane Gabriele Silva Martins

Graduanda em Letras Vernáculas, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) - Brasil; Bolsista de Iniciação Científica (FAPESB). E-mail: ruanegabrielee@gmail.com.

Vinícius Viana Busatto

Graduando em Letras Modernas, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) — Bolsista de Iniciação Científica (CNPq). E-mail: busattovini@gmail.com.

Márcia Helena de Melo Pereira

Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas — UNICAMP. Professora titular do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (DELL/UESB), campus de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Docente do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da mesma instituição (PPGLin/UESB). E-mail: marciahelenad@yahoo.com.br.